

# Orquestra Sinfónica

## do Porto Casa da Música

**Pedro Neves** direção musical  
**João Delgado Lourenço** narração

**22 dez 2023 · 21:00 Sala Suggia**

**23 dez 2023 · 18:00 Sala Suggia**

MÚSICA PARA O NATAL



casa da música

MECENAS CASA DA MÚSICA



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



## **Piotr Ilitch Tchaikovski**

*OQuebra -Nozes* (excertos) (1892; c.60min)

- Abertura
- Ato I, Cena 1
  - 2. Marcha
  - 3. Pequeno galope das crianças e entrada dos pais
  - 5. Cena e dança do avô
  - 7. A batalha
- Ato I, Cena 2
  - 8. Cena: Um pinhal no inverno
- Ato II, Cena 3
  - 12. Divertimento
    - I. Chocolate: Dança espanhola
    - II. Café: Dança árabe
    - III. Chá: Dança chinesa
    - IV. Trépak: Dança russa
    - V. Dança dos mirlitons
    - VI. Mãe Gigogne e os polichinelos
  - 13. Valsa das flores

Guião: Vera Dias

## O Bailado Imperial Russo e O *Quebra-Nozes*

O Romantismo foi um período de grande valorização da música instrumental. Nesse contexto, foi criada, por compositores e críticos, uma hierarquia que relacionava o nível de abstracção da música com o seu valor artístico. Assim, quanto mais abstracta fosse a obra, mais próxima se encontraria de uma verdade essencial. Um exemplo claro dessa metafísica da música instrumental é a valorização das sinfonias de Brahms em detrimento dos dramas musicais de Wagner, promovida pelo crítico vienense Eduard Hanslick. Contudo, uma divisão clara entre géneros absolutos torna-se muito problemática. Por um lado, muitas sinfonias integraram elementos da música programática, remetendo para realidades extramusicais. Por outro, obras de palco foram autonomizadas do seu contexto e apresentadas em salas de concerto. Isso complica a narrativa de autonomia estética que forma a base da crítica romântica. Assim, uma obra ganharia autonomia através da travessia do palco para a sala de concertos, esse espaço para-religioso do Romantismo. *O Quebra-Nozes* é um bom exemplo dessa prática.

*O Quebra-Nozes* foi concebido por Tchaikovski como um bailado para ser apresentado em paralelo à sua ópera *Iolanta*. O enredo foi inspirado no conto *O Quebra-Nozes e o rei dos ratos*, escrito em 1818 pelo alemão Ernst Theodor Amadeus Hoffmann. Este era também compositor e crítico musical, tendo a sua obra inspirado outro importante bailado romântico de pendor fantástico — *Copélia*. Contudo, a versão que serviu de base para Tchaikovski e os coreógrafos Marius Petipa e Lev Ivanov foi a de Alexandre Dumas (pai), que reviu o conto de E. T. A. Hoffmann em 1844. Neste contexto,

o Romantismo fantástico alemão chegou à Rússia Imperial através de França, revelando a valorização da cultura literária francesa compreendida pela corte russa.

A produção do bailado não foi simples. Ainda antes da sua apresentação, Tchaikovski agrupou alguns dos números numa suite de danças que estreou em São Petersburgo, em Março de 1892, num concerto promovido pela Sociedade Musical da Rússia (uma agremiação dinamizada por Anton Rubinstein cujo objectivo era elevar o nível musical do Império através da criação de escolas de música e de apresentações). A suite *O Quebra-Nozes* teve tanto sucesso que rapidamente integrou o repertório das principais orquestras da época. Isso não se passou com o bailado, cuja popularidade atingiu o auge na segunda metade do século XX.

A influência francesa na cultura europeia do século XIX não se restringiu à literatura. Num período de coabitação entre as escolas italiana e francesa de bailado, o Império Russo apresenta uma interessante relação entre ambas. A partir do século XVIII, diversos mestres de dança da Europa Ocidental, sobretudo franceses, desempenharam cargos importantes no Bailado Imperial e transformaram o ensino da dança teatral nesse território. Por outro lado, diversas primeiras-bailarinas eram italianas. O percurso de Marius Petipa, um dos coreógrafos de *O Quebra-Nozes*, é indicador das transformações operadas no bailado romântico russo. Filho do mestre de dança francês Jean Petipa, seguiu o pai nas suas deambulações pela Europa. Residiu em Bruxelas, onde Jean era primeiro-bailarino e mestre de dança no Théâtre de la Monnaie. Nessa cidade, frequentou o conservatório e estudou violino. Após estadias prolongadas em Bordéus e Madrid, Marius Petipa fixou-se em São Petersburgo em 1847. O seu pai viria também a migrar para essa cidade,

onde leccionou na Escola Imperial de Bailado. A carreira de bailarino é de curta duração, mas preparou Marius para um percurso enquanto coreógrafo e professor. Quando começou a desempenhar essa actividade, o bailado na Rússia atravessava um período complicado, mas a sua competição com o coreógrafo Arthur Saint-Léon, na década de 60, em produções cada vez mais espectaculares ajudou o Bailado Imperial a recuperar o seu prestígio e lançou as bases para este se constituir enquanto referência mundial durante muito tempo. Após desempenhar a função de Segundo Mestre de Dança por alguns anos, Petipa ascendeu ao cargo de Primeiro Mestre de Dança em 1871. Ao longo da sua carreira coreografou alguns dos mais importantes bailados da história, entre os quais *O Quebra-Nozes*. Esta autoria tem sido debatida por diversas fontes, que dão Lev Ivanov como o principal coreógrafo. Formado na Escola Imperial de Bailado, Ivanov era então Segundo Mestre de Dança na companhia. Devido a problemas de saúde de Petipa durante a produção de *O Quebra-Nozes*, pensa-se que terá sido Ivanov a coreografar grande parte do bailado. Todavia, as fontes históricas não estão de acordo em relação ao papel desempenhado por ambos. O guarda-roupa esteve a cargo de Ivan Vsevolozhsky, então director dos Teatros Imperiais, e o cenógrafo foi Konstantin Ivanov.

## Sinopse

O enredo de *O Quebra-Nozes* varia de acordo com a produção e com as intenções do coreógrafo, o que revela a fluidez e mutabilidade do género. A história passa-se durante o Natal e começa com uma família a decorar a árvore para as festividades. Entretanto Drosselmeyer, um mágico, construtor de brinquedos e padrinho da protagonista Clara, entra e distribui brinquedos pelas crianças. Entre estes encontram-se bonecos dançarinos em tamanho real, que são guardados, o que desagrada às crianças. Drosselmeyer também lhes oferece um quebra-nozes com forma humana, que é partido acidentalmente por Fritz, irmão de Clara. À meia-noite, quando a família se encontra a dormir, Clara entra na sala em busca do Quebra-Nozes e encontra Drosselmeyer, que orienta um estranho ritual em torno da árvore de Natal: uma batalha entre ratos e biscoitos de gengibre. Os biscoitos são comandados pelo Quebra-Nozes, que cresceu até atingir o tamanho de uma pessoa. Na refrega, o Quebra-Nozes é ferido e, com a ajuda de Clara, vence o Rei dos Ratos. No segundo quadro do acto, o Quebra-Nozes revela-se como príncipe e leva Clara a passear num pinhal, onde os flocos de neve os rodeiam e dançam. O segundo acto apresenta uma viagem de Clara e do príncipe pela Terra dos Doces, governada pela Fada do Açúcar. Como agradecimento pelo feito de Clara e pelo regresso do príncipe ao seu reino, as guloseimas de toda a terra dançam para os protagonistas, que se juntam a estes numa valsa até embarcarem num tremó puxado por renas.

## O bailado de Tchaikovski

O *Quebra-Nozes* foi escrito entre 1891 e 1892 e resultou de uma encomenda de Ivan Vsevolozhsky, que pensou aproveitar o sucesso do bailado *A Bela Adormecida*. Estreou em São Petersburgo a 18 de Dezembro de 1892 e não teve a recepção calorosa dos anteriores bailados de Tchaikovski. Dada a sua temática, as personagens infantis foram interpretadas por alunos da Escola Imperial de Bailado, e ainda se recorre a jovens bailarinos para esses papéis. Contudo, essa escolha não foi pacífica quando da estreia e alguns críticos manifestaram desagrado pelo destaque dado a crianças, apesar de o enredo ser uma história infantil. Possivelmente, estariam habituados a bailados com maior participação dos bailarinos principais e as cenas de conjunto defraudaram essa expectativa. Outras críticas negativas abordaram a fragilidade do enredo, a fraca qualidade do aparato cénico e o excesso de gordura de alguns intervenientes.

A abertura do primeiro acto tem um carácter leve e lúdico que prepara o público para a acção dramática. A cena na casa de família mantém essa atmosfera brincalhona, interpolando uma fanfara com um contexto mais lírico. Uma secção mais solene e de ritmo pontuado antecede a estilização de uma dança popular, a que se segue a entrada de Drosselmeyer. Assim, marchas, polcas e galopes transitam do contexto semipúblico do baile para o palco. A entrada de Drosselmeyer é assinalada por uma mudança de atmosfera, na qual se detecta um certo mistério. O estilo rapsódico do bailado encontra-se bem patente na cena dos bailarinos mecânicos construídos por Drosselmeyer, quando a música se torna ritmicamente mais regular para descrever as personagens. Danças vivas, momentos mais

líricos com transformações rápidas de carácter, tudo serve para ilustrar a narrativa, enfatizando os aspectos plásticos da coreografia. O tratamento musical da cena seguinte cria uma atmosfera de mistério, aumentando gradualmente a tensão. A batalha entre os soldados de chumbo, chefiados pelo Quebra-Nozes, e os ratos sobrepõe diversas camadas sonoras, acentuando o movimento e pontuando enfaticamente os principais momentos da coreografia. O retorno à calma prepara a viagem do príncipe e de Clara, cuja paixão é materializada no bosque. O corpo de baile reaparece para uma das passagens mais espectaculares do bailado, a “Valsa dos Flocos de Neve”, que encerra o primeiro acto.

A abertura do segundo acto tem um carácter bucólico de *romanza*, em que o melodismo é valorizado. A delicadeza e o ambiente da miniatura pontificam na abertura das portas de Confiturembürg, o domínio da Fada do Açúcar. A celesta, um instrumento cujo timbre se assemelha a uma caixa de música, contribui para criar uma atmosfera etérea e irreal de sonho. Após a recepção aos protagonistas, segue-se um conjunto de danças características associadas a guloseimas. O chocolate é representado pela dança espanhola, acompanhada por castanholas. Segue-se o café, com o exotismo modal de uma dança árabe que valoriza o timbre dos sopros, sobretudo o oboé. A dança chinesa, baseada num ostinato, representa o chá e é um dos trechos mais conhecidos do bailado, bem como o número seguinte, “Trépak” — uma dança tradicional ucraniana estilizada por Tchaikovski e coreografada de forma acrobática. Segue-se a famosíssima “Dança dos mirlitons”, cuja graça e leveza a transformaram num emblema do bailado. É notório o contraste com a “Dança dos polichinelos”, centrada na apresentação de uma rusticidade vivaz.

A harpa é colocada em evidência na “Valsa das flores”, uma dança de grupo que apresenta as personagens num verdadeiro exercício de sincronismo e delicadeza. Seguem-se o *pas de deux* da Fada do Açúcar com o seu príncipe, um momento de forte intensidade expressiva, com longas linhas melódicas de resolução diferida, dando lugar a duas variações a solo. Na primeira, o príncipe dança uma tarantela italiana estilizada pelo recurso às pandeiretas. Seguidamente, a Fada dança as suas famosas variações, acompanhada pela celesta e pelo clarinete. Depois da coda a pares, entra o corpo de bailado para a apoteose: uma delicada valsa ao som da qual as personagens desfilam. Na versão original, o final consistia num enxame de abelhas guardando a sua propriedade.

As críticas negativas conduziram *O Quebra-Nozes* a um período de obscuridade que durou até à sua recuperação, em 1954, pelo coreógrafo George Balanchine, que nessa época dirigia o New York City Ballet. Balanchine foi dos últimos alunos da Escola de Bailado Imperial de São Petersburgo e integrou os *Ballets Russes*, a companhia dirigida por Sergei Diaghilev que misturou o modernismo e o exotismo com a disciplina férrea e a plasticidade acrobática do bailado romântico russo. Fixou-se depois nos Estados Unidos da América, onde dinamizou diversas companhias de bailado e transformou o ensino da dança. Foi após a sua produção de *O Quebra-Nozes* que se realizou a primeira gravação sonora do bailado integral e que este passou a ser apresentado regularmente como espectáculo natalício por variadas companhias. Apesar das rupturas que o século XX operou na tradição do bailado clássico, o paradigma franco-russo manteve-se bem vivo como veículo de uma expressão corporal

e musical enraizadas num Romantismo que foi, simultaneamente, localista e universalista.

JOÃO SILVA, 2016\*

---

\*O autor não aplica o Acordo Ortográfico de 1990.

## **Pedro Neves** direção musical

Pedro Neves é diretor artístico e maestro titular da Orquestra Metropolitana de Lisboa, e maestro titular da Orquestra Clássica de Espinho. Foi maestro titular da Orquestra do Algarve (2011-2013) e maestro associado da Orquestra Gulbenkian (2013-2018).

É convidado regularmente para dirigir a Orquestra Gulbenkian, Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, Orquestra Sinfónica Portuguesa, Orquestra Metropolitana de Lisboa, Orquestra Filarmonia das Beiras, Orquestra Clássica do Sul, Orquestra Clássica da Madeira, Orquestras Sinfónicas do Estado de São Paulo e de Porto Alegre, Orquestra Filarmónica do Luxemburgo e Real Filarmonia da Galiza.

No âmbito da música contemporânea, o maestro tem colaborado com o SOND'AR-te Electric Ensemble (com o qual realizou estreias de vários compositores portugueses e estrangeiros, e digressões pela Coreia do Sul e pelo Japão), com o Remix Ensemble Casa da Música, com o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa e com o Síntese Grupo de Música Contemporânea.

É fundador da Camerata Alma Mater, que se dedica à interpretação de repertório para orquestra de cordas, e com a qual tem recebido uma elogiosa aceitação por parte do público e da crítica especializada.

Pedro Neves iniciou os estudos musicais na sua terra natal, na Orquestra Filarmónica 12 de Abril (Travassô, Águeda). Estudou violoncelo com Isabel Boiça, Paulo Gaio Lima e Marçal Cervera, respetivamente no Conservatório de Música de Aveiro, na Academia Nacional Superior de Orquestra (Lisboa) e na Escuela de Música Juan Pedro Carrero (Barcelona), com o apoio da Fundação Gulbenkian. No que diz respeito à direção de orquestra, estudou com

Jean-Marc Burfin (completando a licenciatura na Academia Nacional Superior de Orquestra), com Emilio Pomarico em Milão e com Michael Zilm, do qual foi assistente. Recentemente, concluiu o doutoramento em Interpretação na Universidade de Évora, tendo como objeto de estudo o Concerto, a Sinfonietta e o Diver-timento II para orquestra de cordas do compositor Joly Braga Santos.

O resultado deste seu percurso faz com que a sua personalidade artística seja marcada pela profundidade, pela coerência e pela seriedade da interpretação musical.



## João Delgado Lourenço narração

João Delgado Lourenço é licenciado em Interpretação (2016) e pós-graduado em Dramaturgia e Argumento (2021), pela Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo (ESMAE). É ainda mestre em Engenharia Civil, pela Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (FEUP, 2009). Depois de quatro anos a trabalhar em engenharia, decide abandonar o título de “engenheiro” e seguir a sua paixão. Em 2012, participa no seu primeiro espetáculo teatral, no TUP. No ano seguinte, ingressa na licenciatura da ESMAE.

Profissionalmente, destaca os espetáculos: *Os Últimos Dias da Humanidade*, encenado por Nuno Carinhas e Nuno M Cardoso (TNSJ, 2016); *Uma Noite no Futuro*, encenado por Nuno Carinhas (TNSJ, 2018); e *Das Tripas Coração*, espetáculo de celebração dos 99 anos do Teatro Nacional São João, dirigido por Nuno Cardoso e Nuno M Cardoso (TNSJ, 2019). Em 2021, é mestre de cerimónias e apresentador do concerto “Zefiro Torna — Uma Degustação de Vinhos Musical”, na Casa da Música.

Ainda em 2021, inicia o seu percurso como dramaturgo, frequentando a pós-graduação em Dramaturgia, na ESMAE. O seu texto *A Família*, resultado final dessa pós-graduação, foi gravado pela RTP Palco e transmitido no primeiro trimestre de 2023. Já em 2022, frequentou a Oficina de Escrita para Cena, no TNSJ.

Em 2022, estreou-se como encenador e dirigiu *A Válvula*, apresentada no Teatro Helena Sá e Costa (Porto), e *Vórtice*, concerto encenado de música erudita contemporânea estreado na Casa da Música.

Colabora com a ESMAE, como professor assistente, desde 2017.

## Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

**Stefan Blunier** maestro titular

**Leopold Hager** maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomarico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt.

Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann, Philippe Manoury e Rebecca Saunders, a que se junta em 2023 o compositor e maestro Enno Poppe.

A Orquestra tem pisado os palcos das mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e em 2021 apresentou-se pela primeira vez na emblemática Philharmonie de Colónia. Em 2023, interpreta novas encomendas da Casa da Música aos compositores Heiner Goebbels, Pedro Amaral, José Maria Sanchez-Verdú, Klaus Ospald e João Caldas. Nesta temporada, destaca-se ainda a interpretação da ópera *Elektra*

de Richard Strauss, da cantata *Carmina Burana* de Carl Orff e de várias obras em estreia nacional — entre as quais *A House of Call. My Imaginary Notebook* de Heiner Goebbels, *Requiem* de Hans Werner Henze, o Concerto para piano e orquestra de Ferruccio Busoni e *Stele* de György Kurtág.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e Bruckner; dos concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff; e dos concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os discos monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015), Georges Aperghis (2017), Harrison Birtwistle (2020), Peter Eötvös e Magnus Lindberg (2021), além de gravações de dezenas de obras de compositores portugueses.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989-1992), sendo posteriormente criada a Orquestra Clássica do Porto e, mais tarde, a Orquestra Nacional do Porto (1997), alcançando a formação sinfónica com um quadro de 94 instrumentistas em 2000. A Orquestra foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, vindo a adotar a atual designação em 2010.

**Violino I**

James Dahlgren  
Álvaro Pereira  
Radu Ungureanu  
Maria Kagan  
Iarina Khmelik  
José Despujols  
Andras Burai  
Tünde Hadadi  
Vladimir Grinman  
Emília Vanguelova  
Roumiana Badeva  
Alan Guimarães  
Evandra Gonçalves  
Henrique Gonçalves\*

**Violino II**

Ana Madalena Ribeiro  
José Paulo Jesus  
Lilit Davtyan  
Catarina Martins  
Karolina Andrzejczak  
Mariana Costa  
Domingos Lopes  
Pedro Rocha  
Paul Almond  
Nikola Vasiljev  
Ana Pires\*  
Margarida Campos\*

**Viola**

Pedro Meireles  
Luís Norberto Silva  
Emília Alves  
Biliana Chamlieva  
Anna Gonera  
Hazel Veitch  
Catarina Gonçalves\*  
Rita Costa\*  
Alexandre Aguiar\*  
Maria Almeida\*

**Violoncelo**

Nikolai Gimaletdinov  
Michal Kiska  
João Cunha  
Hrant Yeranosyan  
Sharon Kinder  
Aaron Choi  
Tiago Mendes\*  
Beatriz Figueiredo\*

**Contrabaixo**

Florian Pertzborn  
Joel Azevedo  
Nadia Choi  
Tiago Pinto Ribeiro  
Altino Carvalho  
Slawomir Marzec

**Flauta**

Ana Maria Ribeiro  
Alexander Auer  
Angelina Rodrigues

**Oboé**

Tamás Bartók  
Telma Mota\*  
Roberto Henriques

**Clarinete**

Luís Silva  
João Moreira  
Gergely Suto

**Fagote**

Cândida Nunes  
Robert Glassburner

**Trompa**

Nuno Vaz  
José Bernardo Silva  
Eddy Tauber  
Hugo Carneiro

**Trompete**

Sérgio Pacheco  
Luís Granjo

**Trombone**

Severo Martinez  
Ivan Vicente\*  
Nuno Martins

**Tuba**

Henrique Dias\*

**Tímpanos**

Bruno Costa

**Percussão**

Paulo Oliveira  
Nuno Simões

**Harpa**

Ilaria Vivan  
Erica Versace\*

\*instrumentistas convidados

**Operação Técnica****Iluminação**

Virgínia Esteves

**Palco**

Alfredo Braga

**Som**

Mariana Guedelha (dia 22)  
Vasco Gomes (dia 23)

**Assistência de cena**

Amaro Castro

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS CASA DA MÚSICA

